



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA CAMPUS V CENTRO DE
CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS GRADUAÇÃO EM
RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

ANTHUNES RODRIGUES BENTO DA COSTA MARANHÃO

**RELIGIÃO E ELEIÇÃO PRESIDENCIAL NOS EUA:
A INFLUÊNCIA DOS EVANGÉLICOS REPUBLICANOS NA ELEIÇÃO DE
DONALD TRUMP (2016)**

JOÃO PESSOA

2023

ANTHUNES RODRIGUES BENTO DA COSTA MARANHÃO

**RELIGIÃO E ELEIÇÃO PRESIDENCIAL NOS EUA:
A INFLUÊNCIA DOS EVANGÉLICOS REPUBLICANOS NA ELEIÇÃO DE
DONALD TRUMP (2016)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação de Relações Internacionais
Universidade Estadual da Paraíba como requisito
parcial à obtenção do título de bacharel em Relações
Internacionais.

Orientadora: Profa. Dra. Cristina Carvalho Pacheco

**JOÃO PESSOA
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M311r Maranhão, Anthunes Rodrigues Bento da Costa.
Religião e eleição presidencial nos EUA [manuscrito] : a influência dos evangélicos republicanos na eleição de Donald Trump (2016) / Anthunes Rodrigues Bento da Costa Maranhão. - 2023.
29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2023.

"Orientação : Profa. Dra. Cristina Carvalho Pacheco, Coordenação do Curso de Relações Internacionais - CCBSA. "

1. Eleições. 2. Estados Unidos. 3. Conservadorismo. 4. Evangélicos. 5. Donald Trump. I. Título

21. ed. CDD 324.65

ANTHUNES RODRIGUES BENTO DA COSTA MARANHÃO

**RELIGIÃO E ELEIÇÃO PRESIDENCIAL NOS EUA: A INFLUÊNCIA DOS
EVANGÉLICOS REPUBLICANOS NA ELEIÇÃO DE DONALD TRUMP (2016)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Relações Internacionais da
Universidade Estadual da Paraíba como requisito
parcial à obtenção do título de bacharel em
Relações Internacionais.

Aprovado em: 21 / 11 / 2023.

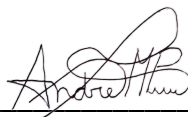
BANCA EXAMINADORA



Cristina Carvalho Pacheco (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Fábio Rodrigo Ferreira Nobre
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



André Mendes Pini
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
2 CONSERVADORISMO ESTADUNIDENSE NO PÓS-GUERRA E SUA RELAÇÃO COM O CRISTIANISMO.....	6
3 O CONSERVADORISMO DO PARTIDO REPUBLICANO E O VOTO EVANGÉLICO..	8
4 AS PRIMÁRIAS DE 2016 E A APROXIMAÇÃO DE TRUMP AOS EVANGÉLICOS.....	12
5 A ELEIÇÃO GERAL DE 2016 E A VITÓRIA DE DONALD TRUMP.....	16
6 CONCLUSÃO.....	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	19

RELIGIÃO E ELEIÇÃO PRESIDENCIAL NOS EUA: A INFLUÊNCIA DOS EVANGÉLICOS REPUBLICANOS NA ELEIÇÃO DE DONALD TRUMP (2016)

Anthunes Rodrigues Bento da Costa Maranhão

RESUMO

Como Donald Trump conquistou os votos de evangélicos nas eleições de 2016? O presente trabalho se propõe a responder a pergunta, voltando-se para a análise de dois momentos centrais deste processo: as primárias do partido republicano e as eleições presidenciais de novembro de 2016. Neste caso, os evangélicos votaram de maneira maciça em um candidato que, até o início do processo eleitoral, não se comprometeu publicamente com pautas ou valores da moral cristã, caros a este perfil de eleitor. Para responder a essa questão, utilizou-se a metodologia de pesquisa quantitativa e qualitativa-descritiva a fim de examinar sistematicamente evidências que permitiram explicar como se deu o voto evangélico nos dois momentos comumente característicos deste processo nos EUA: as primárias do partido e nas eleições presidenciais. Para a análise destes eventos foram utilizados tanto fontes primárias, como as plataformas nacionais do Partido Republicano, quanto informações quantitativas, a respeito da população evangélica em determinados Estados dos EUA, e qualitativas, como a própria compreensão do movimento conservador americano e sua relação com os evangélicos e com o Partido Republicano. Finalmente, o trabalho conclui que o voto evangélico não recaiu de forma homogênea sobre Donald Trump desde o início das primárias, sendo ele, inicialmente, um candidato não preferido pelos evangélicos, mas que acabou conquistando o voto do grupo ao estabelecer-se candidato do Partido Republicano nas eleições.

Palavras-chave: eleições; Estados Unidos; conservadorismo; evangélicos; Donald Trump.

ABSTRACT

How did Donald Trump won the evangelical vote in 2016 elections? This paper aims to answer this question by analyzing two key moments in this process: the Republican Party primaries and the November 2016 presidential elections. In this case, the evangelicals voted massively for a candidate who, until the beginning of the electoral process, had not publicly committed himself to Christian moral standards or values important to this profile of voter. In order to answer this question, quantitative and qualitative-descriptive research methodology was used to systematically examine evidence that allowed us to explain how the evangelical vote occurred in the two moments that are commonly characteristic of this process in the United States: the party primaries and the presidential elections. The analysis of these events used both primary sources, such as the Republican Party's national platforms, and quantitative information, such as the evangelical population in certain United States states, and qualitative information, such as an understanding of the American conservative movement and its relation with evangelicals and the Republican Party. Finally, the paper concludes that the evangelical vote did not fall homogeneously on Donald Trump from the start of the primaries, as he was

initially a candidate not preferred by evangelicals, but who ended up winning the group's vote by establishing himself as the candidate of the Republican Party.

Keywords: elections; United States; conservatism; evangelicals; Donald Trump.

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2016 foi, certamente, um imprevisível episódio na história das eleições presidenciais dos Estados Unidos da América¹. Contrariando pesquisas eleitorais (Desilver, 2017), o outsider político e empresário, Donald J. Trump, foi eleito presidente do país pelo Partido Republicano com 306 votos do colégio eleitoral, contra 232 da sua rival, a então candidata do Partido Democrata e ex-secretária de Estado, Hillary Clinton².

Visto inicialmente apenas como um polêmico bilionário que desejava candidatar-se à presidência, Donald Trump ganhou força durante as eleições primárias do Partido Republicano, no primeiro semestre de 2016, vencendo nomes de peso como Marco Rubio (tacitamente apoiado por John McCain) e Ted Cruz (o candidato original dos evangélicos). Não obstante, sua vitória era considerada improvável, levando em consideração a possível falta de apoio ao candidato por parte das bases eleitorais republicanas mais religiosas (Smith, 2016b) e até mesmo por falta de apoio de políticos estabelecidos no Partido, como John McCain e os expresidentes George H. W. Bush e George W. Bush.

Finalmente, Trump venceu a eleição. Além do inesperado resultado, destaca-se em sua vitória o seguinte número: 81% das pessoas que foram votar (o voto não é obrigatório nos EUA) em 2016 que se identificavam como cristãos evangélicos brancos (ou born again) votaram no candidato vencedor (Martinez; Smith, 2016). A expressiva votação de um candidato de comportamento não religioso, tendo sido dono de cassinos, casado três vezes e acusado de agredir sexualmente algumas mulheres³, suscita a seguinte indagação: como Donald Trump conquistou os votos de evangélicos nas eleições de 2016 (levando em consideração a taxa dos 81%)?

É válido pontuar que o conceito de evangélico tratado neste trabalho é o trazido por

Thomas S. Kidd na sua obra “Who is an Evangelical”. Kidd aponta que o Cristianismo evangélico é a religião dos “born again” (Kidd, 2019, p. 03) e uma vertente do protestantismo que celebra a Bíblia como a Palavra de Deus, enfatizando uma experiência pessoal com Jesus Cristo por meio do Espírito Santo (Kidd, 2019). Kidd ainda atenta-se ao fato de que, quase sempre, pesquisas a respeito do voto evangélico assumem que os evangélicos em questão são brancos (Kidd, 2019), o que explica a razão de muitas das pesquisas a respeito do voto evangélico em 2016 discorrer sobre o voto dos “white evangelicals”, apesar de não ser apenas este o foco central do trabalho.

A votação maciça dos eleitores no candidato demonstram considerações levantadas anos antes da eleição de 2016: com o fim da Guerra Fria, a religião passou a retomar seu espaço, ainda que gradualmente, no cenário político (Haynes, 2009). No caso dos EUA, trata-se da potência hegemônica que se inclina à questão religiosa no processo político eleitoral, sendo esta questão importante tanto no processo eleitoral quanto nas ações dos

¹ A eleição de 2000 também teve um resultado inesperado, devido ao resultado acirrado entre os candidatos (Bush e Gore) no estado da Flórida, que definiria o vencedor da eleição.

² Disponível em: <https://www.archives.gov/electoral-college/2016>. Acesso em: 20, jun. 2023.

³ Disponível em: <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2017/01/donald-trump-scandals/474726/>. Acesso em: 23, ago. 2023.

presidentes, sendo isto muito claro, por exemplo, quando George W. Bush afirmou que “Deus o enviou para acabar com a tirania no Iraque” (Macaskill, 2005).

O poder político dos evangélicos possibilita afirmar que sua força vai além de programas de TV matutinos ou de simples ciclos eleitorais. Na verdade, seu poder chega a influenciar a vitória de presidentes, como a de Ronald Reagan, que se associou ao movimento evangélico em sua campanha (Miller, 2014). Esta manobra, de associar uma figura ao movimento, é o que pode ter ocorrido no processo eleitoral de Trump em 2016.

No caso dos EUA, Haynes (2009) pontua que a importância da religião é, também, um legado cultural que deriva, em certa medida, da herança colonial anglo-protestante. Dessa maneira, levando em consideração a importância da religião nos Estados Unidos, em especial, da religião protestante (e, no caso analisado, da parcela evangélica), proeminente no país e no Partido Republicano, faz-se necessária a análise da influência dos eleitores evangélicos, com destaque para os evangélicos brancos, já que votaram expressivamente no ex-presidente Trump e no “GOP”⁴.

Atualmente, cerca de 70,6% da população dos Estados Unidos da América é cristã, sendo a denominação evangélica a maior dessa parcela, com cerca de 25,4% (Pew Research Center, 2014b). Dessa forma, faz-se importante a análise do voto evangélico nas eleições, analisando a atuação do grupo no sistema partidário do país, sua relação com o conservadorismo americano e, por fim, o voto nas eleições de 2016, levando ainda em consideração o voto no período das primárias.

2 CONSERVADORISMO ESTADUNIDENSE NO PÓS-GUERRA E SUA RELAÇÃO COM O CRISTIANISMO

Três eram as correntes de pensamento definidas como conservadoras no pós-Segunda Guerra Mundial de acordo com Nash (1996): os libertários, os tradicionalistas e os anticomunistas. Os libertários eram avessos a possíveis crescimentos do Estado perante à iniciativa privada ou à diminuição do individualismo. Os tradicionalistas, ou novos conservadores, diante de regimes totalitários vistos ao longo da primeira metade do século XX, defendiam o retorno a religiões tradicionais e a defesa de valores éticos absolutos diante do suposto relativismo moral, que teria resultado nos horrores da Segunda Guerra Mundial. E, por fim, os evangélicos anti-comunistas, defendiam que o Ocidente deveria combater o comunismo, cuja pretensão seria dominar o mundo.

A defesa do retorno à crença no Cristianismo estava presente entre a população e entre os pensadores conservadores. Para se ter noção, em 1940, menos de 50% dos estadunidenses eram membros de igrejas, percentual que aumentaria para 60% em 1955. Figuras como o teólogo Billy Graham, que viria a ser conselheiro espiritual de presidentes dos EUA, tornaram-se proeminentes no período (Nash, 1996).

O Cristianismo defendido pelos pensadores conservadores era baseado nas “grandes lições morais” da Segunda Guerra Mundial: o pecado original e a lição do mal. Este sentimento é compreensível perante os horrores perpetrados pelos regimes autoritários do período, com destaque para a Alemanha Nazista, e pelo mortandade que fora a guerra. Um caminho para livrar-se disso se sobressaiu para os conservadores: a defesa de valores éticos universais e absolutos e o combate ao mal.

⁴ A sigla “GOP” faz referência ao nome *Grand Old Party*, popularizado ao longo do século XIX como um “apelido” do Partido Republicano.

Entretanto, conservadores como o estadunidense Russell Kirk viam a partir do pensamento de um dos maiores opositores à Revolução Francesa, Edmund Burke, a necessidade de retornar a princípios, valores e tradições, que seriam uma espécie de herança da sociedade internacional da cristandade. O impacto de Kirk, decorrente do sucesso de sua obra *The Conservative Mind* (1953), deu ainda mais respaldo intelectual ao movimento conservador, especialmente para o movimento conservador tradicionalista estadunidense, levando em consideração que o livro era dedicado aos pensadores americanos (Nash, 1996) enfatizando a importância da religião e do livre-mercado.

O ganho de força cultural e acadêmica dos novos conservadores, com seus interesses mais voltados para o âmbito cultural e não econômico, é mais perceptível a partir dos anos 1950. Segundo Nash: “*By the mid-1950s the new conservatives had become a recognized, almost fashionable, cultural force*” (Nash, 1996, p. 97). Não obstante, o interesse na esfera econômica não é negligenciado pelos conservadores, especialmente pelos libertários. Os conservadores estadunidenses defendem, em suma, uma menor intervenção do Estado na economia a fim de garantir oportunidades e maior liberdade aos americanos (Belt; Hunt, 1996).

O que conectou os tradicionalistas e os libertários no contexto da Guerra Fria foi o anticomunismo e o esforço de pensadores do período no intuito de amalgamar as dispersas ideias conservadoras. Por meio da revista *National Review*, fundada por William Buckley Jr. em 1955, entraram em contato mais forte intelectuais tradicionalistas e libertários, o que abriu caminho para a percepção de que, em última instância, o ateísmo e o estatismo do regime soviético seriam ameaças. O editor da *National Review*, Frank Meyer, publicou, em 1962, uma síntese da união das ideias libertárias e tradicionalistas a serem defendidas pelos conservadores norte-americanos na obra *In Defense of a Conservative Credo* (Teixeira, 2018).

Dentre princípios presentes na obra dos conservadores americanos clássicos como Kirk, destacam-se: a busca por valores tradicionais estadunidenses (semelhante ao *American Dream*); a ênfase no Cristianismo como motor propulsor da moralidade; a ênfase em associações humanas, como a família e a igreja; a aceitação da hierarquização e da desigualdade; a rejeição do “Estado grande” e de políticas de *welfare*, visando impedir uma possível situação na qual o Estado, ao agigantar-se, se tornasse totalitário e tirânico, como fora a Alemanha Nazista, por exemplo.

Ao longo dos anos 1960, com ações realizadas pelo governo federal que poderiam ser vistas como intromissões no modo de vida de religiosos, como a proibição de reza em escolas públicas por parte de funcionários (Hudson Jr., 2009), os tradicionalistas passaram a estabelecer iniciativas mais concretas a fim de impedir o avanço desse tipo de alteração. Nesse contexto surgiram organizações mais conservadoras, como a *Heritage Foundation*, e movimentos como a *Moral Majority*. Destaca-se também o *Council for National Policy* (CNP), fundado em 1981, onde figuras conservadoras de peso, como senadores, magnatas e líderes de rádio e televisão, reúnem-se a fim de promover causas conservadoras (Martin, 1999).

Marsden pontua que as organizações autodenominadas de direita cristã nos EUA mobilizam seus apoiadores, instigando-os a participar dos setores locais, como o nível municipal de deliberação de políticas, do Partido Republicano e participar das eleições em todos os níveis, conquistando, dessa maneira, apoio em suas perspectivas políticas e religiosas (Marsden, 2008). No caso do CNP, Marsden afirma que um de seus objetivos é a construção de relações pessoais próximas no fito de alcançar objetivos comuns (Marsden, 2008), sendo seus encontros uma oportunidade para a direita cristã definir estratégias para influenciar o Partido Republicano (Marsden, 2008).

3 O CONSERVADORISMO DO PARTIDO REPUBLICANO E O VOTO EVANGÉLICO

Soffer afirma que o governo de Ronald Reagan (1981 - 1989) foi o responsável por transformar o Partido Republicano no “first genuinely conservative party” (Soffer, 2009, p. 296), algo que influencia o partido até os dias atuais, bastando ver a plataforma nacional do partido para as eleições de 2016⁵ por exemplo (GOP, 2016). As pautas do Partido Republicano a partir do governo Clinton (1993 - 2001) foram marcadas por um aprofundamento conservador, o que pode ser verificado pelas suas políticas, como a defesa da composição de família tradicional, o liberalismo econômico e dos valores estadunidenses (historicamente ligados à cultura hebraico-cristã advinda dos colonizadores), o que evidentemente se relaciona com princípios do conservadorismo americano.

Não obstante, o Partido Republicano nem sempre esteve sob essa influência quase absoluta do conservadorismo. Na realidade, no período pós-New Deal (série de políticas implementadas na década de 1930 pelo governo Roosevelt), uma ala vista como liberal⁶ foi proeminente no partido, haja vista o sucesso do New Deal e a popularidade de Franklin D. Roosevelt (presidente que implantou o New Deal). Era difícil para o Partido Republicano sobreviver politicamente sem abarcar partes do New Deal.

Essa ala liberal foi inicialmente conduzida por Thomas E. Dewey (Price, 2021), governador de Nova Iorque de 1943 a 1954 e candidato à presidência do país pelo Partido Republicano nas campanhas de 1944 e 1948. Dewey demonstrava profunda preocupação com questões trabalhistas, de direitos civis e de classes econômicas mais baixas, ao mesmo tempo em que defendia a responsabilidade fiscal (Price, 2021). Sua preocupação era manter o New Deal para salvaguardar a segurança econômica e permitir a expansão do welfare nos EUA. Ao mesmo tempo, reconhecia que o programa possuía certos excessos burocráticos. Tais características seriam importantes na ala liberal do Partido Republicano da época. É válido citar que Dewey foi endossado pelo American Labor Party quando governador e apoiado financeiramente pela Família Rockefeller (Price, 2021).

Dewey influenciou a nomeação de Eisenhower na campanha de 1952, que defendeu pontos do New Deal e foi visto como um presidente verdadeiramente moderado (Eller, 2017), com tal moderação sendo demonstrada em carta enviada ao seu irmão Edgar, onde disse que “se qualquer partido político abolisse políticas de seguridade social, seguro desemprego, leis trabalhistas ou rurais, nunca mais se ouviria falar desse partido novamente”⁷. Após o governo Eisenhower (1953 - 1961), Nelson Rockefeller, eleito governador de Nova Iorque em 1958, emergiu como um destaque da política nacional.

Nelson Rockefeller era neto do famoso magnata do petróleo americano, John D. Rockefeller, e fez parte da ala liberal do Partido Republicano (levando grupo a ser conhecido como Rockefeller Republicans), com uma plataforma similar a de Dewey, Rockefeller foi reeleito em Nova Iorque, nos anos de 1962, 1966 e, em 1970. Saiu do cargo em 1973 para compor a chapa presidencial, como vice de Gerald Ford. Após a vitória, exerceu o cargo até

⁵ Claramente conservadora, a plataforma de 2016 criticou a decisão da Suprema Corte de 2015 de permitir o casamento entre pessoas do mesmo sexo e defendia a visão dos Estados Unidos como uma nação privilegiada no mundo.

⁶ O termo *liberal* nos EUA não se refere só ao liberalismo econômico. Enquanto no Brasil “liberal” refere-se a indivíduos e políticos com visões econômicas voltadas para o capitalismo *laissez-faire*, nos EUA o termo *liberal* é frequentemente utilizado em relação a políticos que possuem visões sociais progressistas e econômicas, frequentemente, intervencionistas (sendo esta uma clara característica do *New Deal*).

⁷ Carta disponível em: <https://teachingamericanhistory.org/document/letter-to-edgar-newton-eisenhower/>. Tradução do autor. Acesso em: 20, jun. 2023.

1977, quando foi substituído pela dupla democrata, liderada por Jimmy Carter e tendo Walter Mondale como vice⁸.

Outro político de destaque, Barry Goldwater representava o papel que fora de Robert Taft para os conservadores outrora (Price, 2021). Senador do Arizona entre 1953 e 1965 e, posteriormente, entre 1969 e 1987, Barry Goldwater foi certamente o líder do movimento conservador estadunidense. Anticomunista, defensor do individualismo, da propriedade privada, crítico dos perigos do poder estatal centralizado⁹, Goldwater ganhou destaque nacional com a publicação de seu livro “The Conscience of a Conservative” (1960) e candidatou-se nas primárias do Partido Republicano, conquistando a nomeação para as eleições de 1964 e derrotando a corrente liberal comandada por Nelson Rockefeller.

A publicação dessa obra cristalizou o conservadorismo do pós-Segunda Guerra Mundial na política americana, apesar de Goldwater ter perdido as eleições de 1964 (o que seria um forte golpe nos conservadores, que não tiveram um candidato pelo Partido Republicano até 1980). Discorrendo sobre temas como liberdade trabalhista e o estado de bem-estar social, em “The

Conscience of a Conservative”, Goldwater criticou tanto o Partido Republicano como o Partido Democrata por desenvolverem políticas liberais responsáveis pelo crescimento do Estado e, na plataforma nacional do Partido Republicano de 1964, fica evidente a ideia de que o declínio moral da época advinha, também, da indiferença política em relação a ideais morais enraizados na religião¹⁰.

Richard Nixon, outro republicano, foi eleito presidente em 1968. Nixon era bem visto por Thomas E. Dewey (Halberstam, 1994) e pode ser visto como influenciado pela ala liberal do Partido Republicano na esfera econômica, levando em consideração políticas adotadas durante sua presidência, como controle de preços e de salários em 1971 para conter a inflação¹¹, tendo chegado a dizer que “era um keynesiano”¹², também em 1971. Nixon renunciou ao cargo de presidente, frente ao escândalo Watergate¹³, deixando-o para seu vice, Gerald Ford, que apontaria Nelson Rockefeller como o seu próprio vice. Nas eleições de 1976, o democrata Jimmy Carter foi eleito.

Carter, durante a campanha, passou a imagem de ser um candidato religioso, mais precisamente evangélico (Balmer, 2023). Contudo, ao fazer isto, também trouxe para si a pressão de ter que incluir em sua agenda política questões como a oposição ao aborto¹⁴, que fora legalizado em âmbito federal com a decisão da Suprema Corte em relação ao caso Roe contra Wade em 1973. Entretanto, Carter não empreendeu medidas enfáticas nesse sentido, afastando-se de um possível conservadorismo moral advindo da religião evangélica (Souza,

⁸ Disponível em: <https://www.pbs.org/wgbh/americanexperience/features/rockefellers-nelson/>. Acesso em: 22, ago. 2023.

⁹ Disponível em: https://www.senate.gov/artandhistory/history/minute/barry_goldwater_of_arizona.htm. Acesso em: 20, jun. 2023.

¹⁰ Disponível em: <https://www.presidency.ucsb.edu/documents/republican-party-platform-1964>. Acesso em: 21, jun. 2023.

¹¹ Para mais informações a respeito dessa política, acesse: <https://www.wsj.com/articles/nixon-fight-inflation-price-controls-stagflation-gas-shortages-biden-democrats-reconciliation-bill-federal-reserve-11628885071>. Acesso em: 21, jun. 2023.

¹² Disponível em: <https://www.nytimes.com/1971/01/07/archives/nixon-reportedly-says-he-is-now-akeynesian.html>. Acesso em: 21, jun. 2023.

¹³ O escândalo de Watergate foi um caso político que culminou na renúncia do presidente Richard Nixon. ¹⁴ A posição conservadora em relação ao aborto deve ser analisada com base em princípio como a obediência à lei divina e o respeito à moralidade.

2018), possibilitando a aproximação de grupos religiosos ao Partido Republicano e a formação da direita cristã.

Esse aparente surgimento dos evangélicos na política americana adveio do término de cerca de 40 anos de um auto-isolamento. Esse distanciamento da política aconteceu pelo declínio da influência desses grupos, ainda entre 1920 e 1930, advindo da derrubada e questionamento de uma série de legislações influenciadas por grupos religiosos, como a lei seca em 1933. Outro fator que contribuiu para o afastamento de grupos religiosos no período veio de legislações federais que impediam o financiamento de grupos religiosos com fins de caridade ou educacionais que se envolvessem na vida política (Souza, 2018).

Segundo Moraes (2019), o movimento religioso evangélico foi se tornando uma espécie de “religião civil”, oposta ao comunismo da URSS e sua “versão sorrateira”, o coletivismo e o estatismo do New Deal. Isso que faz com que fique muito evidente a afinidade que esse grupo tem com políticas conservadoras no sentido do conservadorismo americano já que, como dito anteriormente, foi o anticomunismo que uniu a vertente tradicionalista (mais relacionada a cultura) e a vertente libertária (mais relacionada à economia) do movimento conservador.

Já a inclusão do pensamento conservador no Partido Republicano também se deu pela influência do pensador Robert Nisbet. Nisbet defendia a visão de que a sociedade moderna, baseada na razão e na ciência, havia causado a destruição experimentada nas duas guerras mundiais, sendo necessário enfatizar a comunidade local para combater esses males, já que era ela (constituída por igrejas, famílias, etc.) que satisfazia a necessidade de aceitação e pertencimento do ser humano, promovendo a liberdade (já que mantinha o governo limitado) e a autoridade, até o advento a modernidade, que havia dirimido a influência dessas instituições, gerando um vácuo moral (Vidal, 2013). Como apontado por Vidal (2013), com seus estudos e artigos, Nisbet influenciou os governos de Ronald Reagan e George H. W. Bush.

Jimmy Carter foi derrotado por Ronald Reagan nas eleições presidenciais de 1980, marcando a primeira vitória substancial dos princípios conservadores (Blackwell, 2015). Essas eleições marcaram o apoio majoritário ao Partido Republicano por parte dos setores evangélicos brancos do sul dos EUA, que haviam votado em Jimmy Carter em 1976, mas estavam insatisfeitos com a falta de ações do governo em relação ao aborto, por exemplo (Gillon, 2021).

Na reeleição de Ronald Reagan, em 1984, a plataforma do Partido Republicano era nitidamente conservadora com influência dos anseios dos evangélicos brancos (Gillon, 2021). A plataforma defendia o banimento constitucional do aborto e apoiava a oração voluntária nas escolas do país. Gillon (2021) aponta que a aliança com políticas conservadoras faziam sentido, em razão do crescimento de evangélicos nas duas décadas anteriores (eram 24% da população americana, em 1963, e chegaram a ser 40%, em 1978).

Além disso, evangélicos visualizavam perigos nas movimentações políticas ocorridas na época: o liberalismo cultural dos anos 1960 e as decisões da Suprema Corte sobre o aborto (Mateo, 2020) eram sinais do declínio moral da sociedade americana, advindos em parte de intromissões do governo federal em direitos locais. Aqui fica ainda mais evidente como os anseios evangélicos relacionam-se com o que o conservadorismo americano preconizava: o perigo do declínio moral e o crescimento do governo federal centralizado.

É nesse contexto de ascensão conservadora que surgem instituições e think tanks conservadores, como a Heritage Foundation¹⁴ em 1971 e, em 1981, sob o governo Ronald Reagan, o Council for National Policy¹⁶ (CNP). O CNP merece destaque por ser uma

¹⁴ Disponível em: <https://www.heritage.org/about-heritage/mission>. Acesso em: 21, jun. 2023. ¹⁶

Disponível em: <https://cfnp.org/about-us/>. Acesso em: 21, jun. 2023.

organização que reúne, 3 vezes ao ano, centenas dos mais poderosos conservadores dos Estados Unidos no intuito de desenvolver estratégias visando influenciar o governo do país (Kirkpatrick, 2004) e conseguindo, ao longo dos anos, tornar o Partido Republicano um partido mais conservador no que tange questões sociais (como o aborto, por exemplo).

O CNP assumiu parte da conquista do apoio dos evangélicos sulistas a Ronald Reagan por causa de sua estratégia em influenciar o partido, inicialmente, de maneira regional, influenciando o legislativo de Estados do sul que podiam atingir dinâmicas políticas locais. A partir daí, o CNP tornou-se um importante porta-voz do conservadorismo no Partido Republicano, sendo uma ponte entre as ideias conservadoras e o partido. A influência do grupo é tamanha que George W. Bush buscou seu apoio em 1999 para a campanha de 2000 (Blackwell, 2004).

Não obstante, Reagan não avançou muito no conservadorismo cultural em seu governo, priorizando o combate ao comunismo e as reformas econômicas liberais (Souza, 2018). Isso fez com que os conservadores religiosos e organizações como o CNP se reformulassem no decorrer da década de 1980, o que gerou a candidatura de Pat Robertson nas prévias republicanas para a eleição de 1988, que foi derrotado por George H. W. Bush (apesar de, como dito anteriormente, Bush ter sido influenciado pelo conservadorismo).

O Partido Republicano do final do século XX tinha como paradigma de liderança Ronald Reagan e sua agenda econômica profundamente vinculada ao livre mercado, a menos regulamentação estatal e a menos impostos, em suma, a preceitos conservadores libertários. Entretanto, é inegável a importância do conservadorismo cultural no Partido Republicano, até mesmo no período Reagan, apesar de não terem ocorrido muitos avanços concretos em reformas dentro do próprio governo com a finalidade de enraizar o conservadorismo nas instituições de poder.

Atualmente, é possível analisar-se as plataformas do Partido Republicano para se ter noção da influência religiosa e conservadora. A plataforma nacional nas eleições presidenciais de 2012, por exemplo, já refletia posicionamentos conservadores muito bem vistos por parte dos eleitores religiosos do partido, como a proteção do casamento tradicional, ou seja, do casamento entre duas pessoas de sexos opostos, e a defesa de valores tradicionais americanos (GOP, 2012).

Em 2016, a plataforma do partido, novamente, seria conservadora, defendendo a preservação do casamento tradicional, criticando a decisão da Suprema Corte de permitir o casamento entre pessoas do mesmo sexo de 2015 e defendendo a visão dos Estados Unidos como uma nação privilegiada, o chamado excepcionalismo americano (GOP, 2016). É válido pontuar que a maioria dos estadunidenses afirmaram que é importante que o presidente tenha fortes crenças religiosas (Pew Research Center, 2016b).

O 115º Congresso do país (2016-2017) também revela a forte influência da religião, em especial do cristianismo, na visão de mundo dos representantes dos cidadãos americanos (em especial, do partido Republicano), haja vista que a esmagadora maioria dos eleitos foram cristãos, com cerca de 90% dos membros eleitos identificando-se como cristãos (com 80% de cristãos eleitos pelo Partido Democrata e apenas 2 membros dos 293 eleitos pelo Partido Republicano sendo não-cristãos) (Sandstorm, 2017).

4 AS PRIMÁRIAS DE 2016 E A APROXIMAÇÃO DE TRUMP AOS EVANGÉLICOS

Isto posto, as discussões e movimentações dentro do Partido Republicano relativas às eleições de 2016 tiveram início em 2013, com Ted Cruz, importante candidato nas eleições primárias¹⁵ em 2016, palestrando em importantes reuniões do Partido Republicano poucos meses após a eleição de 2012 (Cirilli, 2013). Ao fim de 2013, a perspectiva, ao menos a curto prazo, era positiva para o Partido Republicano, levando em consideração a queda de aprovação¹⁶ do governo do então presidente Barack Obama. Tal otimismo pode ser visto como confirmado pelo aumento de assentos no Congresso pelo Partido Republicano nas eleições de meio de mandato de 2014.

Entre o fim de 2014 e início de 2015, o cenário das primárias de 2016 começou a ser definido de maneira mais clara, com o anúncio de Jeb Bush, ex-governador da Flórida, filho do ex-presidente George H. W. Bush e irmão do também ex-presidente George W. Bush, de sua pretensão em analisar uma futura candidatura à presidência no ano de 2016 (Bush, 2014). Em janeiro de 2015, o ex-candidato¹⁸ à presidência pelo Partido Republicano, Mitt Romney, anunciou que não concorreria nas eleições de 2016 (Rucker; Balz, 2015), e em março Ted Cruz anunciou, em evento na Liberty University¹⁹, que concorreria em 2016 (Corasaniti; Healy, 2015).

Eleito Senador pelo Texas em 2013, Ted Cruz é reconhecido como um cristão devoto e um político republicano conservador, opondo-se a medidas de controle de armas, ao casamento homossexual e ao aborto. Além disso, Ted Cruz é filho do conhecido pastor conservador americano, apesar de nascido em Cuba, Rafael Cruz. A partir desse panorama ligado ao Cristianismo, é compreensível a natural preferência pelo candidato por parte dos evangélicos, especialmente os evangélicos mais comprometidos com a fé.

Neste período, uma grande polêmica envolveu a posição do candidato Jeb Bush em relação à controversa Guerra do Iraque, iniciada na gestão do seu irmão e ex-presidente George W. Bush. Jeb em certos momentos afirmava que a guerra fora um erro da gestão do seu irmão e em outros momentos voltava atrás nas declarações, dizendo que teria prosseguido com a guerra se fosse presidente na época de George W. Bush (Jacobs, 2015). Entretanto, o que trouxe verdadeiras polêmicas à campanha das primárias do Partido Republicano seria o anúncio da candidatura de Donald J. Trump, ocorrida em 16 de junho de 2015 (Neate, 2015).

Trump, já no anúncio de campanha, discorreu sobre sua intenção de construir um “great wall” na fronteira dos EUA com o México, visando diminuir o fluxo migratório de mexicanos para os Estados Unidos, visto como descontrolado, e sobre trazer o american dream de volta caso eleito. O então candidato causou ainda mais polêmicas, criticando figuras consagradas do seu próprio partido, como o ex-senador e ex-candidato à presidência nas

¹⁵ O processo de eleição presidencial nos Estados Unidos é marcado por um procedimento que, em geral, não ocorre no Brasil, que é o período de primárias/ *caucuses*. As primárias são o período no qual os eleitores deliberam a respeito dos possíveis candidatos do partido para as eleições presidenciais gerais, tendo o poder de eleger o candidato a presidente e seu vice por meio do voto secreto, ou de grupos de apoio no procedimento de *caucuses*.

Para mais informações, acesse: <https://www.usa.gov/primaries-caucuses>. Acesso em: 28, mai. 2023

¹⁶ Ao longo de 2013, a aprovação ao governo Obama declinou de maneira sensível. Em janeiro de 2013 sua aprovação foi de 52%, já em dezembro do mesmo ano sua aprovação foi de 41%. Disponível em: <https://news.gallup.com/poll/166727/obama-job-approval-declined-steadily-throughout->

[.aspx#:~:text=PRINCETON%2C%20NJ%20%2D%2D%20President%20Barack.in%20December%2C%20unchanged%20from%20November](https://news.gallup.com/poll/166727/obama-job-approval-declined-steadily-throughout-.aspx#:~:text=PRINCETON%2C%20NJ%20%2D%2D%20President%20Barack.in%20December%2C%20unchanged%20from%20November). Acesso em: 14, jun. 2023.

¹⁸ Mitt Romney candidatou-se à presidência dos EUA em 2012, mas foi derrotado por Barack Obama.

¹⁹ A Liberty University é uma importante universidade do meio evangélico estadunidense. Disponível em: <https://www.liberty.edu/about/>. Acesso em: 08, mai. 2023.

eleições de 2008, John McCain (Rucker, 2015). Apesar disso, Donald Trump apareceu em primeiro lugar em pesquisa, ainda que incipiente, realizada pela CNN, estando com 18% de apoio, seguido por Jeb Bush, que tinha 15% (Agiesta, 2015).

Trump foi protagonista de polêmicas no primeiro debate das primárias do Partido Republicano, ocorrido em 6 de agosto de 2015, afirmando que não prometia não concorrer à presidência por um partido independente caso não fosse nomeado candidato do Partido Republicano e sendo questionado por comentários machistas feitos ao longo de sua vida (Healy; Martin, 2015). Não obstante, o empresário continuou na corrida pela nomeação do candidato pelo Partido Republicano.

Neste período, após o primeiro debate, os eleitores evangélicos estavam começando a apoiar Donald Trump, que aparecia com 20% de preferência entre essa parcela dos eleitores (Bailey, 2015), seguido por Scott Walker, com 14%, Mike Huckabee, com 12%, e Jeb Bush, com 11%. Essa visão para com o candidato se deve, em parte, a aproximação feita por ele em relação à comunidade evangélica, participando de eventos e se posicionando contra o aborto e o casamento homossexual (Scott, 2015).

Além disso, como apontado por Margolis (2019), uma pesquisa realizada pela Survey Sampling International semanas antes das eleições gerais demonstra como uma crença evangélica mais forte estava relacionada a um apoio menor a Donald Trump. Na verdade, apenas 17% de eleitores auto-identificados como evangélicos brancos, e que demonstraram tendência a concordar com todos os 7 parâmetros²⁰ determinantes para uma crença evangélica mais forte, disseram que queriam que Donald Trump fosse o indicado do Partido Republicano. Tendo em vista a ideia de que evangélicos brancos mais comprometidos com a fé não preferiam Donald Trump a outros candidatos nas primárias do Partido Republicano (Margolis, 2019), é possível afirmar que o crescente apoio a Trump no período das primárias advinha, também, de parcelas evangélicas menos comprometidas com a fé. Ainda assim, é válido pontuar que, nas eleições gerais, o apoio a Trump por parte dos evangélicos brancos foi inegável, tanto de acordo com Margolis (2019) quanto de acordo com a própria métrica dos 81% de votos de evangélicos brancos em Trump (Martinez; Smith, 2016).

As eleições primárias começaram em 2 de janeiro de 2016 e, neste período, o cenário de apoio a Trump por parte dos evangélicos brancos já havia mudado em relação ao período dos debates. De maneira geral no Partido Republicano, Donald Trump pontuava com 33% de preferência entre os eleitores, estando à frente de todos os candidatos, como Ted Cruz, que detinha 14% de preferência de acordo com pesquisa da Public Religion Research Institute (Cox; Jones, 2016). Entre os evangélicos brancos, a mudança foi sensível, destacando-se o percentual de eleitores do grupo que o consideravam de forma “muito desfavorável”, que caiu de 34% para 22%, enquanto o dos que o percebiam de maneira “muito favorável” subiu de 14% para 19% e o dos que o enxergavam de forma “majoritariamente favorável” subiu de 23% para 34%.

Figura 1 – Calendário eleitoral de 2016

²⁰ Os parâmetros da *Survey Sampling International* são: crença em Deus, a importância da Bíblia, se o Diabo é real ou simbólico, o caminho para a salvação eterna, a importância da religião no dia-a-dia, se Jesus não teria cometido pecados em vida e o ato de evangelizar. Os parâmetros utilizados buscam diferenciar os evangélicos realmente comprometidos com a religião e os não tão comprometidos. Quem, por exemplo, vê o Diabo como um simples “simbolismo do mal” seria um evangélico menos comprometido, já que a maioria dos evangélicos, e cristãos em geral, não o vêem dessa forma. Percebe-se a partir da pesquisa que, inicialmente, o apoio à candidatura Donald Trump pelos evangélicos advinha, em grande parte, de evangélicos menos comprometidos.

Calendário das primárias de 2016 do Partido Republicano por Estados	
Estados	Candidato vencedor
Iowa (01/02)	Ted Cruz
New Hampshire (09/02)	Donald Trump
South Carolina (20/02)	Donald Trump
Nevada (23/02)	Donald Trump
Alabama (01/03)	Donald Trump
Alaska (01/03)	Ted Cruz
Arkansas (01/03)	Donald Trump
Georgia (01/03)	Donald Trump
Massachusetts (01/03)	Donald Trump
Minnesota (01/03)	Marco Rubio
Oklahoma (01/03)	Ted Cruz
Tennessee (01/03)	Donald Trump
Texas (01/03)	Ted Cruz
Vermont (01/03)	Donald Trump
Virginia (01/03)	Donald Trump
Kansas (05/03)	Ted Cruz
Kentucky (05/03)	Donald Trump
Louisiana (05/03)	Donald Trump
Maine (05/03)	Ted Cruz
Hawaii (08/03)	Donald Trump
Idaho (08/03)	Ted Cruz
Michigan (08/03)	Donald Trump
Mississippi (08/03)	Donald Trump
Wyoming (12/03)	Ted Cruz
District of Columbia (12/03)	Marco Rubio
Florida (15/03)	Donald Trump
Illinois (15/03)	Donald Trump
Missouri (15/03)	Donald Trump
North Carolina (15/03)	Donald Trump
Ohio (15/03)	John Kasich
Arizona (22/03)	Donald Trump
Utah (22/03)	Ted Cruz
Wisconsin (05/04)	Ted Cruz
New York (16/04)	Donald Trump
Connecticut (26/04)	Donald Trump
Delaware (26/04)	Donald Trump
Maryland (26/04)	Donald Trump
Pennsylvania (26/04)	Donald Trump
Rhode Island (26/04)	Donald Trump
Indiana (03/05)	Donald Trump
Nebraska (10/05)	Donald Trump
West Virginia (10/05)	Donald Trump
Oregon (17/05)	Donald Trump
Washington (17/05)	Donald Trump
California (07/06)	Donald Trump
Montana (07/06)	Donald Trump
New Jersey (07/06)	Donald Trump
New Mexico (07/06)	Donald Trump
South Dakota (07/06)	Donald Trump

Fonte: NPR, 2016.

Um dos motivos apontados por MacWilliams (2016) para o crescimento do candidato Trump perante os eleitores em geral é o de que as elites do Partido Republicano não conseguiram se reunir em torno de um candidato, como Jeb Bush ou o próprio Cruz, e apoiá-lo de maneira eficaz. Dessa forma, a campanha de Donald Trump ganhou notoriedade perante às demais. Enquanto isso, Trump acenava, gradualmente às parcelas evangélicas, aproximando-se de carismáticos televangelistas²¹ (Mahaskey, 2015), enquanto Ted Cruz conquistava o apoio de grandes personalidades evangélicas, como do presidente do CNP Tony Perkins, que declarou apoio a Cruz pouco antes da primeira eleição das primárias (Schleiffer, 2016).

Além disso, é importante ressaltar que o apoio a Donald Trump pelas parcelas evangélicas do Partido Republicano no período das primárias advinha, como já citado, também de parcelas de evangélicos não muito comprometidos com a fé (Layman, 2016). Como apontado por Layman (2016), evangélicos que iam pouco, ou quase nunca, a igreja tendiam a votar mais em Donald Trump nas primárias (Layman analisa as primárias até por volta do fim de março, quando seu artigo foi publicado) que em candidatos como Ted Cruz e Ben Carson (estes sim apoiados por evangélicos que iam frequentemente a igreja). A explicação para isso reside na ideia de que evangélicos que vão de maneira irregular para a igreja tendem a não se preocupar muito com questões morais e culturais (ênfatisadas mais por Carson e Cruz) mas sim com questões econômicas, por exemplo (mais ênfatisadas por Trump na campanha).

A primeira eleição das primárias ocorreu no Estado de Iowa, que possui 77% de sua população cristã, sendo destes 77%, 28% constituído por evangélicos (Pew Research Center,

²¹ Televangelista é um evangélico que conduz regularmente programas religiosos transmitidos pela televisão. Famosos televangelistas americanos que se aproximaram de Trump foram Robert Jeffress e Kenneth Copeland.

2014a). Ted Cruz foi o vencedor com a margem de 28% dos votos, seguido por Donald Trump, que conquistou 24% dos votos. Nesse primeiro momento, era possível afirmar que Cruz se sobressaiu em relação a Trump no que tange os votos dos evangélicos em geral, por ter conquistado 34% dos votos enquanto Trump alcançou 22% (NBC, 2016). Entretanto, essa tendência não se sustentaria posteriormente.

Nas primárias de 20 de fevereiro, no Estado da Carolina do Sul, com cerca de 64% de eleitores das primárias sendo evangélicos brancos (Skelley, 2015), Donald Trump venceu com o apoio de cerca de 33% dos evangélicos em geral. Este padrão se repetiria nas primárias em outros estados com alta presença de evangélicos brancos nas primárias, com Trump vencendo no Alabama e na Geórgia, em 1 de março, com apoio dos evangélicos em geral. Não obstante, é válido pontuar que Cruz também venceu em estados com forte presença evangélica nos votos nas primárias, como no Texas (seu estado natal), em 1 de março, e no Kansas, em 5 de março. O fim da campanha de Ted Cruz, principal concorrente de Donald Trump até então, se deu após sua derrota nas primárias de Indiana. Mesmo com o que pode ser visto como apoio tácito do então governador do estado e futuro vice-presidente de Trump, Mike Pence (Bradner; Berman; Mattingly, 2016), Ted Cruz perdeu, inclusive entre os evangélicos em geral, que votaram majoritariamente (51%) em Trump (NBC, 2016). Ao perder em Indiana, Cruz decidiu suspender sua campanha.

Possíveis explicações para essa mudança de visão dos evangélicos em geral para com o candidato Donald Trump residem em diversos âmbitos. Em primeiro lugar, há de se salientar a abordagem que a campanha que o então candidato teve com o grupo. Sendo conhecido nacionalmente por ações não-religiosas, como por ter se casado mais de uma vez e ter sido dono de cassinos, Trump, como apontado anteriormente, passou a demonstrar maior apreço a elementos importantes para evangélicos ainda na campanha das eleições primárias, posicionando-se contra o casamento homossexual e o aborto.

Ademais, como apontado por Thonnard (2020), destacaram-se significativamente elementos como desejo por melhoria econômica e de aumento de segurança nacional nas eleições gerais, o que pode ser aplicado também nas eleições primárias, tendo em vista o destaque dado, especialmente, por Donald Trump a temas como economia, terrorismo, emprego e criminalidade nas primárias (SIDES, 2017), além do impacto de sua retórica ao atacar o próprio Ted Cruz, chegando a dizer que ele seria “pior que Hillary” (Berenson, 2016). Ao vencer as primárias, restava a Trump conquistar o apoio definitivo dos evangélicos, que não o apoiaram inicialmente, para as eleições gerais em 2016. Dessa forma, em junho de 2016 Trump reuniu-se com mais de 1000 líderes evangélicos em Nova Iorque (Green, 2016) buscando cristalizar seu apoio. No mesmo dia, a campanha de Trump anunciou 25 nomes que participariam de um quadro de conselheiros de assuntos religiosos (Trump, 2016), com alguns deles (como Jerry Falwell Jr.²²) mais abertos a aceitar um candidato “não-ortodoxo” (Thonnard, 2020).

Nesse período, fica claro também uma estratégia de Trump ao não se associar predominantemente a figuras extremamente destacadas do cristianismo evangélico (como Cruz fizera ao associar-se ao presidente do CNP, Tony Perkins), mas também a figuras com mais contato com a população comum, como televangelistas em geral e pastores como Robert Jeffress, pastor de uma igreja com mais de 12.000 membros em Dallas, e Paula White, fundadora de uma igreja com mais de 25.000 membros em Tampa (Thonnard, 2020).

²² Filho de Jerry Falwell Sr., fundador da *Moral Majority*, que ajudou a eleger presidentes como Ronald Reagan, Jerry Falwell Jr. foi presidente da Liberty University. Disponível em: <https://www.insidehighered.com/news/2022/11/28/jerry-falwell-jr-his-legacy-his-health-and-his-father>. Acesso em: 21, jun. 2023.

É importante citar, também, a indicação de Mike Pence como vice-presidente de Donald Trump. Reconhecidamente cristão, Pence, além de ser ligado ao CNP, tendo discursado em uma reunião do conselho enquanto foi vice-presidente (Trump White House, 2020), seria o elo entre a direita religiosa e o candidato. Outros indivíduos associados ao CNP influenciaram a campanha, como Kellyanne Conway e Steve Bannon, que serviria como estrategista-chefe da Casa Branca sob o governo Trump (Brown, 2017).

O então candidato realmente se esforçou para conquistar o voto evangélico conservador, associando-se, por exemplo, a Marjorie Dannenfelser, presidente de um dos maiores grupos anti-aborto do país, e anunciando seu compromisso em criar uma lei que banisse o financiamento público do aborto (Redden, 2016).

Além disso, a campanha era muito bem relacionada com organizações de mobilização política, inclusive de mobilização política evangélica, destacando-se a Faith and Freedom Coalition de Ralph Reed, um dos mais bem sucedidos e poderosos organizadores políticos entre os republicanos evangélicos (Thonnard, 2020). A mobilização política feita pela organização de Reed destacou-se nas midterms elections de 2014, com uma base de dados de mais de 33,1 milhão de conservadores utilizada para conseguir votos (Thonnard, 2020). O sucesso da estratégia empregada pode ser visto na reconquista do controle do Senado.

Na preparação das eleições de 2016, a Faith and Freedom Coalition fez mais de 10 milhões de ligações telefônicas, distribuiu mais de 22 milhões de emails educacionais e ajudou em 30 milhões “guias de voto” em 117.000 igrejas. A organização afirmou ter contato, direta ou indiretamente, cerca 90.2 milhões de eleitores²³, apesar disso não ser mensurado na quantidade de votos obtidos nas eleições.

5 A ELEIÇÃO GERAL DE 2016 E A VITÓRIA DE DONALD TRUMP

A respeito da eleição geral, o esperado era que até os evangélicos ainda avessos a Donald Trump acabassem votassem nele por algumas razões. A aversão à Hillary Clinton (Pew Research Center, 2016a) e o histórico apoio ao indicado pelo Partido Republicano, mesmo que não seja o desejado pelo grupo nas primárias, garantiram o amplo apoio a Trump pelos evangélicos, destacando-se os 81% dos evangélicos brancos que votaram no candidato. De acordo com pesquisas realizadas em julho de 2016, pouco antes da eleição geral, cerca de 9 em cada 10 eleitores republicanos que iam à igreja regularmente (ao menos uma vez por semana) votariam em Trump contra Hillary (Smith, 2016a). O fato de Trump não ser Hillary destaca-se como a principal razão (com 35% das respostas) pela qual os evangélicos brancos que votaram nele o apoiaram, ficando em segundo lugar suas posições políticas (com 34% das respostas). Essas pesquisas demonstram como o sentimento anti-Hillary de fato impulsionou o voto em Donald Trump.

Também é válido mencionar que o sentimento anti-Hillary não se restringiu apenas às parcelas evangélicas, ou religiosas em geral, do Partido Republicano. Na verdade, 55% dos apoiadores do Partido Republicano afirmou que votaria mais contra Hillary Clinton do que à favor de Donald Trump. Ou seja, o apoio ao candidato era motivo de apenas 41% dos entrevistados (Pew Research Center, 2016a). A posição de descontentamento também foi identificada entre os próprios apoiadores de Hillary: 50% deles tinham como motivação o antitrumpismo, número considerado alto já que o universo aqui é o eleitor democrata.

Já o apoio ao indicado pelo Partido Republicano nas eleições gerais pelos evangélicos que votam no partido, a despeito de possíveis ações mal vistas pelo grupo, é algo estabelecido,

²³ Disponível em: <https://www.ffcoalition.com/about/>. Acesso em: 01, mai. 2023.

tendo como o exemplo o voto em Mitt Romney em 2012 dos evangélicos, apesar dele ser mórmon, destacando-se o percentual de 78% dos votos entre os evangélicos brancos. O apoio dado a Romney foi ainda maior que o recebido por John McCain nas eleições de 2008, mesmo este sendo um cristão batista (Boorstein; Clement, 2012).

A reta final das eleições chegou com a nomeação de Trump, em 19 de julho de 2016, pelo Partido Republicano e de Hillary Clinton, em 26 de julho de 2016, pelo Partido Democrata. As pesquisas mostravam Hillary à frente na corrida presidencial, mas não por uma margem ampla²⁴, e essas projeções continuariam até o dia das eleições, em 8 de novembro. O primeiro debate entre os candidatos ocorreu em setembro de 2015. Foi pautado por críticas, de um lado, ao apoio de Trump à Guerra do Iraque antes da invasão e, do outro, ao uso sem permissão de um e-mail privado por Hillary para trabalhar como Secretária de Estado durante parte da administração Obama (Blake, 2016).

No dia das eleições, em 8 de novembro, por volta das 22h, as pesquisas de opinião começaram a se mostrar equivocadas. Segundo o *The New York Times*, em pesquisa publicada no dia da eleição, Hillary tinha 85% de chances de vencer²⁵. Contudo, Donald Trump avançava no colégio eleitoral, ganhando em Ohio e, um pouco depois, na Flórida, dois importantes swing states²⁶. Por volta das 2:30h Trump venceu no Wisconsin, Estado dominado pelos democratas desde as eleições presidenciais de 1994. Ao final do processo eleitoral, consolidada a vitória de Donald Trump, foi feita a tradicional ligação telefônica entre os candidatos, com Hillary Clinton o felicitando pela vitória.

George Barna, estrategista de campanha de Donald Trump, em sua obra “*The Day Christians Changed America*”, atribuiu a cristãos conservadores espiritualmente ativos a garantia da vitória de Trump no 8 de novembro de 2016. Barna sugere, ainda em 2017, ano de publicação da obra, que essa parcela do eleitorado, onde os evangélicos encontram-se, não tinha Trump como favorito (Barna, 2017). Barna também aponta o negligenciamento do grupo por parte do Partido Democrata e sua cooptação por duas décadas por organizações como o CNP como fatores que ajudaram a eleição de Trump.

6 CONCLUSÃO

A história do conservadorismo e a presença do voto evangélico no Partido Republicano auxiliam muito na análise das eleições dos Estados Unidos. Saber que nem sempre o partido esteve sob a quase total influência do conservadorismo, mas sim que a partir de um gradual processo de introdução do pensamento conservador no partido (e no país) permitem entender que seu atual posicionamento político no país não vem do acaso, mas sim de um processo histórico.

Da mesma maneira, a crescente importância política dos religiosos, especialmente dos evangélicos, nas pautas do Partido Republicano facilita a compreensão do porquê de suas plataformas nacionais serem mais ligadas ao conservadorismo cultural e aversão a possíveis crescimentos do Estado, tanto em relação ao cidadão, quanto em relação à autonomia de cada estado do país. Certamente a religião não deveria ser ignorada em análises de política interna

²⁴ Hillary estava cerca de 3% à frente de Trump por volta de agosto. Disponível em: <https://www.reuters.com/article/us-usa-election-poll-idUSKCN10G2BQ>. Acesso em: 22, ago. 2023.

²⁵ Disponível em: <https://www.nytimes.com/interactive/2016/upshot/presidential-polls-forecast.html>. Acesso em: 26, jun. 2023.

²⁶ O termo *swing state* é usado para designar Estados em que, historicamente, durante a campanha presidencial, nenhum candidato possui maioria absoluta de intenção de votos, ou seja, qualquer um pode vencer.

no caso dos EUA, haja vista seu poder de influência nas eleições e sua importância cultural. Como visto neste trabalho, a eleição de Donald J. Trump em 2016 foi certamente um dos eventos políticos mais imprevisíveis das eleições americanas no século XXI. Apesar das pesquisas apontarem sua provável derrota, o candidato demonstrou grande força eleitoral ao conquistar o montante necessário de votos no colégio eleitoral para consagrar-se presidente dos Estados Unidos, com o expressivo percentual de 81% dos votos dos autodenominados evangélicos brancos.

Por outro lado, a partir do exposto, é perceptível que os 81% dos votos dos evangélicos não foram entregues a Trump de maneira simples. O voto evangélico não atuou como um bloco homogêneo ao longo das primárias do Partido Republicano, destacando-se a posição dos eleitores evangélicos de maior comprometimento com a fé, que não preferiam Donald Trump como candidato do partido.

Além disso, ao longo das eleições primárias, muitas foram as movimentações do então candidato Donald Trump visando conquistar o voto evangélico em geral. O ex-presidente reuniu-se com grandes instituições conservadoras influenciadas pela religião, como o CNP, cedendo espaço para figuras religiosas, como Mike Pence, e buscando o apoio de “pequenos atores”, como líderes de igrejas e representantes de movimentos de apreço religioso, como o movimento anti-aborto.

Donald Trump não tem um histórico de compromisso com a religião, ao contrário do esperado de um candidato por um partido tão ligado à religião ao longo de sua história recente. Pelo menos desde 1960 o movimento conservador americano, intrinsecamente ligado à religião cristã, influencia o Partido Republicano de maneira crescente, consagrando-se como força importante com a primeira eleição de Ronald Reagan em 1980 e assim permanecendo ao longo das eleições de novos presidentes do país advindos do partido.

Na contramão disso, Donald Trump surgiu em oposição a candidatos preferidos pelos evangélicos, como Ted Cruz e Ben Carson, mudando seu tom e passando a ter maior apreço às pautas evangélicas ao longo das eleições primárias do partido, já que seu apoio por parte dos religiosos advinha de evangélicos não comprometidos com a fé. Frente a esse cenário, Donald Trump passa a demonstrar maior simpatia pelas pautas religiosas, buscando estabelecer o apoio dos evangélicos.

Os dados apresentados na pesquisa apontam para um comportamento do eleitorado evangélico: se nas eleições primárias a presença de outros candidatos historicamente mais comprometidos com a causa cristã permitiu que esse eleitor não votasse em Trump, o mesmo não ocorreu nas eleições gerais. A saída dos preferidos Ted Cruz e Ben Carson deixaram os republicanos evangélicos com uma única opção: votar em Trump. Dessa maneira, Donald Trump tornou-se o 45º presidente eleito dos EUA com o voto maciço dos evangélicos.

REFERÊNCIAS

AGIESTA, J. CNN/ORC poll: Trump elbows his way to the top. **CNN**, 26 jul. 2015. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2015/07/26/politics/cnn-poll-presidential-race/index.html>. Acesso em: 06 mai. 2023.

BAILEY, S. P. Which presidential candidate leads among evangelicals? Right now, it's Donald Trump. **The Washington Post**, 6 ago. 2015. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/acts-of-faith/wp/2015/08/06/which-presidential-candidate-leads-among-evangelicals-right-now-its-donald-trump/>. Acesso em: 08 mai. 2023.

BALMER, R. Jimmy Carter was America's Evangelical-in-Chief. **Foreign Policy**, 22 fev. 2023. Disponível em: <https://foreignpolicy.com/2023/02/22/jimmy-carter-foreign-policy-america-evangelical-christianity/>. Acesso em: 22, ago. 2023.

BARNA, G. **The Day Christians Changed America**. Memphis: Metamorfation, 2017.

BELT, B. D.; HUNT, A. T. The New Conservatism in America: Revolution or Evolution? **The Brown Journal of World Affairs**, v. 3, n, 1. 1996. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/24590413>. Acesso em 03 mai. 2023.

BERENSON, T. Trump: Cruz is 'Worse than Hillary'. **TIME**, 2 jan. 2016. Disponível em: <https://time.com/4186862/donald-trump-ted-cruz-hillary-clinton/>. Acesso em: 08 mai. 2023.

BLACKWELL, M. C. **A Tribute to Paul Weyrich**. The Leadership Institute, 6 out. 2015. Disponível em: <https://www.leadershipinstitute.org/writings/?ID=1>. Acesso em: 21 jun. 2023.

BLAKE, A. The first Trump-Clinton debate transcript, annotated. **The Washington Post**, 26 set. 2016. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/the-fix/wp/2016/09/26/the-first-trump-clinton-presidential-debate-transcript-annotated/>. Acesso em: 06 jun. 2023.

BOORSTEIN, M.; CLEMENT, S. Romney won over white evangelicals, Catholics. **The Washington Post**, 7 nov. 2012. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/local/romney-won-over-white-evangelicals-catholics-but-the-y-werent-enough-to-win-race/2012/11/07/aeeaabb0-2907-11e2-bab2eda299503684_story.html. Acesso em: 06 jun. 2023.

BRADNER, E.; BERMAN, J.; MATTINGLY, P. Mike Pence endorses Ted Cruz. **CNN**, 29 abr. 2016. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2016/04/29/politics/mike-pence-to-endorseted-cruz-friday/index.html>. Acesso em: 08 mai. 2023.

BROWN, E. Influential conservative group: Trump, Devos should dismantle Education Department and bring God into classrooms. **The Washington Post**, 15 fev. 2017. Disponível em:

https://www.washingtonpost.com/local/education/influential-conservative-group-trumpdevos-sould-dismantle-education-department-and-bring-god-into-classrooms/2017/02/15/196bf872-f2df-11e6-8d72-263470bf0401_story.html. Acesso em: 08 mai. 2023.

BUSH, J. **I am excited to announce I will actively explore the possibility of running for President of the United States**, 16 dez. 2014. Twitter: @JebBush Disponível em: <https://twitter.com/JebBush/status/544869679609942016>. Acesso em: 6 mai. 2023.

CIRILLI, K. Cruz to speak at S. C. GOP dinner. **POLITICO**, 04, fev. 2013. Disponível em: <https://www.politico.com/story/2013/04/ted-cruz-south-carolina-dinner-089532>. Acesso em: 06 mai. 2023.

CORASANITI, N.; HEALY, P. Ted Cruz Becomes First Major Candidate to Announce Presidential Bid for 2016. **The New York Times**, 23 mar. 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/03/24/us/politics/ted-cruz-2016-presidential-race.html>. Acesso em: 06 mai. 2023.

COX, D.; JONES, R. P. **Trump Gains Ground with White Evangelical Voters; Solidifies Lead with Republican Voters Nationwide**. PPRI, 27 jan. 2016. Disponível em: <https://www.ppri.org/research/poll-trump-white-evangelicals-republican-primary-nomination/>. Acesso em: 08 mai. 2023.

DESILVER, D. **Q&A: Political polls and the 2016 election**. Pew Research Center, 4 mai. 2017. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/05/04/qa-political-polls-and-the-2016-election/>. Acesso em: 19 abr. 2023.

ELLER, C. **Running from Behind: Nelson Rockefeller and the Liberal Republicans During the 1964 Republican Primaries**. Winthrop University, 2017. Disponível em: <https://digitalcommons.winthrop.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1073&context=graduatetheses>. Acesso em: 22 ago. 2023.

GILLON, S. M. Ronald Reagan tied Republicans to White Christians and now the party is trapped. **The Washington Post**, 2021. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/outlook/2021/03/22/reagan-tied-republicans-whitechristians-now-party-is-trapped/>. Acesso em: 21 jun. 2023.

GOP. 2012. We believe in America. **The New York Times**, 28 ago. 2012. Disponível em: <https://archive.nytimes.com/www.nytimes.com/interactive/2012/08/28/us/politics/20120812gop-platform.html?ref=politics>. Acesso em: 17 abr. 2023.

GOP. 2016. Republican Platform. **The New York Times**, 2016. Disponível em: <https://int.nyt.com/data/documenthelper/7019-republicanplatform/cc2c15a0e1b432d6964b/optimized/full.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2023.

GREEN, E. Trump's Play to Win Evangelical Voters. **The Atlantic**, 21 jun. 2016. Disponível em: <https://www.theatlantic.com/politics/archive/2016/06/trumps-play-to-win-evangelicalvoters/488075/>. Acesso em: 08 mai. 2023.

HALBERSTAM, D. **The Fifties**. New York: Ballantine Books, 1994.

HAYNES, J. **Routledge Handbook of Religion and Politics**. Oxon: Routledge, 2009.

HEALY, P.; MARTIN, J. Rivals Jab at Donald Trump as Republican Debate Becomes Testy. **The New York Times**, 06 ago. 2015. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2015/08/07/us/politics/rivals-jab-at-donald-trump-as-gop-debatebecomes-testy.html>. Acesso em: 06 mai. 2022.

HUDSON Jr., DAVID, L. **Engel v. Vitale**. Middle Tennessee State University, 2009. Disponível em: <https://www.mtsu.edu/first-amendment/article/665/engel-v-vitale>. Acesso em: 03 mai. 2023.

JACOBS, B. On the Iraq war, Jeb Bush had a terrible, horrible, no good, very bad week. **The Guardian**. 15 mai. 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/us-news/2015/may/15/jeb-bush-iraq-war-ivy-zietrich-isis-george-w-bush>. Acesso em: 06 mai. 2023.

KIDD, T. S. **Who is an Evangelical? The History of a Movement in Crisis**. New Haven and London: Yale University Press, 2019

LAYMAN, G. Where is Donald Trump's evangelical base? Not in church. **The Washington Post**. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/monkey-cage/wp/2016/03/29/where-is-trumps-evangelical-base-not-in-church/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

KIRKPATRICK, D. D. THE 2004 CAMPAIGN: THE CONSERVATIVES; Club of the Most Powerful Gathers in Strictest Privacy. **The New York Times**, 28 ago. 2004. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2004/08/28/us/2004-campaign-conservatives-club-most-powerfulgathers-strictest-privacy.html>. Acesso em: 21 jun. 2023.

MACASKILL, E. George Bush: 'God told me to end the tyranny in Iraq'. **The Guardian**, 7 out. 2005. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2005/oct/07/iraq.usa>. Acesso em: 05 jun. 2023.

MAHASKEY, M. S. Donald Trump saving grace: Televangelists. **POLITICO**, 30 out. 2015. Disponível em: <https://www.politico.com/story/2015/09/donald-trumps-evangelicalstevangelists-214250>. Acesso em: 04 jun. 2023.

MARGOLIS, M. F. **Who Wants to Make America Great Again? Understanding Evangelical Support for Donald Trump**. Politics and Religion, 2019.

MARSDEN, L. **For God's Sake: The Christian Right and US Foreign Policy**. Zed Books: Londres, 2008.

MARTIN, W. **The Christian Right and American Foreign Policy**. Foreign Policy. n. 114, 1999. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1149591>. Acesso em: 03 mai. 2023.

MATEO, L. R. **A direita cristã e o voto religioso nas eleições presidenciais de 2020 nos Estados Unidos**. UNESP, 2020. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2020/marcelo-buzetto.docx.pdf>. Acesso em: 22 ago. 2023.

MACWILLIAMS, M. C. Who Decides When The Party Doesn't? Authoritarian Voters and the Rise of Donald Trump. **PS: Political Science & Politics**, v. 49, n. 4, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1017/S1049096516001463>. Acesso em: 08 mai. 2023.

MARTINEZ, J.; SMITH, G. A. **How the faithful voted: A preliminary 2016 analysis**. Pew Research Center, 9, nov. 2016. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/shortreads/2016/11/09/how-the-faithful-voted-a-preliminary-2016-analysis/>. Acesso em: 08 mai. 2023.

MILLER, S. P. **The Age of Evangelicalism: America's Born-again Years**. New York: Oxford University Press, 2014. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=cWLwAgAAQBAJ&pg=PA32&redir_esc=y#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 18 abr. 2023.

MORAES, R. C. C. de. Os evangélicos norte-americanos e a política (II). Como se fabrica uma nação cristã. **Jornal da Unicamp**, 2019. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/index.php/ju/artigos/reginaldo-correa-de-moraes/osevangelicos-norte-americanos-e-politica-ii-como-se-fabrica>. Acesso em: 21 jun. 2023.

NASH, G. H. **The Conservative Intellectual Movement in America since 1945**. New York: Basic Books, 1996.

NBC. Iowa Caucus 2016: Election Results. **NBC**, 2016. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/politics/2016-election/primaries/ia/>. Acesso em: 08 mai. 2023.

NBC. Indiana Primary Results: 2016. **NBC**, 2016. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/politics/2016-election/primaries/in/>. Acesso em: 08 mai. 2023.

NEATE, Rt. Donald Trump announces US presidential run with eccentric speech. **The Guardian**, 16 jun. 2015. Disponível em: <https://www.theguardian.com/usnews/2015/jun/16/donald-trump-announces-run-president>. Acesso em: 06 mai. 2023.

NPR. Election 2016 Calendar: Primaries And Caucuses. **NPR**, 2016. Disponível em: <https://www.npr.org/2016/01/26/464430411/election-2016-calendar-primaries-and-caucuses>. Acesso em: 28 set. 2023.

PEW RESEARCH CENTER. **Adults in Iowa - Religion in America - Pew Research Center**. Pew Research Center. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/religiouslandscape-study/state/iowa/>. Acesso em: 08 mai. 2023.

PEW RESEARCH CENTER. 2016. **Campaign: Strong Interest, Widespread Dissatisfaction**. Pew Research Center. 7 jul. 2016a. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/politics/2016/07/07/2016-campaign-strong-interest-widespread-dissatisfaction/>. Acesso em: 28 mai. 2023.

PEW RESEARCH CENTER. 2016. **How Religion is Shaping the 2016 Campaign**. Pew Research Center. 27 Jan. 2016b. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2016/01/27/faith-and-the-2016-campaign/>. Acesso em: 16 abr. 2023.

PEW RESEARCH CENTER. **Religious Landscape Study**. Pew Research Center. 2014b. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/religious-landscape-study/>. Acesso em: 14 abr. 2023.

PRICE, R. J. **The Last Liberal Republican: An Insider's Perspective on Nixon's Surprising Social Policy**. Lawrence: University Press of Kansas, 2021.

REDDEN, M. Trump forms anti-abortion coalition and would ban public funding for procedure. **The Guardian**. 16 set. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/usnews/2016/sep/16/donald-trump-abortion-coalition-public-funding-planned-parenthood>. Acesso em: 08 mai. 2023.

RUCKER, P. Trump slams McCain for being 'captured' in Vietnam; other Republicans quickly condemn him. **The Washington Post**. 18 jul. 2015. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/post-politics/wp/2015/07/18/trump-slams-mccain-for-being-captured-in-vietnam/>. Acesso em: 05 mai. 2023.

RUCKER, P; BALZ, D. Mitt Romney decides against running for president again in 2016. **The Washington Post**. 30 jan. 2015. Disponível em: https://www.washingtonpost.com/politics/mitt-romney-decides-against-running-for-president-a-gain-in-2016/2015/01/30/d66a944a-a88d-11e4-a06b-9df2002b86a0_story.html. Acesso em: 6 mai. 2023.

SANDSTORM, A. **Faith on the Hill: the religious composition of the 115th Congress**. Pew Research Center, 3 jan. 2017. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/religion/2017/01/03/faith-on-the-hill-115/>. Acesso em: 14 abr. 2023.

SCHLEIFFER, T. Tony Perkins backs Ted Cruz. **CNN**, 26 jan. 2016. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2016/01/26/politics/ted-cruz-tony-perkins-iowa/index.html> Acesso em: 05 mai. 2023.

SCOTT, E. Trump believes in God, but hasn't sought forgiveness. **CNN**, 18, jul. 2015. Disponível em: <https://edition.cnn.com/2015/07/18/politics/trump-has-never-sought-forgiveness/>. Acesso em: 08 mai. 2023.

SIDES, J. **Race, Religion and Immigration in 2016**. Voters Study Group, 2017. Disponível em: <https://www.voterstudygroup.org/publication/race-religion-immigration-2016>. Acesso em: 08 mai. 2023.

SKELLEY, G. **Republican 2016: White Evangelicals Dominates the Early Calendar**. Center for Politics, University of Virginia. 2015. Disponível em: <https://centerforpolitics.org/crystalball/articles/republicans-2016-white-evangelicalsdominate-the-early-calendar/>. Acesso em: 08 mai. 2023.

SMITH, G. A. **Churchgoing Republicans, once skeptical of Trump, now support him**. Pew Research Center. Washington, DC. 21 jul. 2016a. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/short-reads/2016/07/21/churchgoing-republicans-onceskeptical-of-trump-now-support-him/>. Acesso em: 03 mai. 2023.

SMITH, G. A. **Many evangelicals favor Trump because he is not Hillary**. Pew Research Center, 23 set. 2016b. Disponível em: <https://www.pewresearch.org/shortreads/2016/09/23/many-evangelicals-favor-trump-because-he-is-not-clinton/>. Acesso em: 8 mai. 2023.

SOFFER, R. **History, Historians, and Conservatism in Britain and America**. Oxford, New York, 2009.

SOUZA, M. A. D. de. A eleição de Donald Trump e a reconfiguração da direita religiosa estadunidense. **Mundo e Desenvolvimento Revista do Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais**, 22 nov. 2022. Disponível em: https://ieei.unesp.br/index.php/IEEI_MundoeDesenvolvimento/article/view/9. Acesso em: 22 ago. 2023.

TEIXEIRA, C. G. P. Qual Conservadorismo? Da América de Trump ao Brasil de Bolsonaro. **Estado da Arte**, 8 dez. 2018. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/conservadorismos-da-america-de-trump-ao-brasil-debolsonaro/>. Acesso em: 3 mai. 2023.

THONNARD, M. **The Elephant in the Room: white evangelicals and the 2016 Presidential Election**. Waco, 2020. Disponível em: <https://baylor-ir.tdl.org/handle/2104/10896?show=full>. Acesso em: 17 abr. 2023.

TRUMP. **TRUMP CAMPAIGN ANNOUNCES EVANGELICAL EXECUTIVE ADVISORY BOARD**. Nova Iorque. 21 jun. 2016. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160623232158/https://www.donaldjtrump.com/pressreleases/trump-campaign-announces-evangelical-executive-advisory-board>. Acesso em: 8 mai. 2023.

TRUMP WHITE HOUSE. **Remarks by Vice President Pence at Council for National Policy Meeting**, 2020 Disponível em: <https://trumpwhitehouse.archives.gov/briefingsstatements/remarks-vice-president-pence-council-national-policy-meeting/>. Acesso em: 8 mai. 2023.

VIDAL, C. F. **A PRESENÇA DO CONSERVADORISMO NO PARTIDO REPUBLICANO NORTE-AMERICANO.** Porto Alegre. 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/71937>. Acesso em: 22 ago. 2023.

AGRADECIMENTOS

Agradeço eternamente ao Nosso Senhor Jesus Cristo por me abençoar, me livrar do mal e me dar forças todos os dias para buscar meus objetivos de vida.

Agradeço a minha família como um todo por sempre ter me apoiado em todos os aspectos positivos para o meu desenvolvimento como pessoa.

Agradeço a minha amada mãe Sueli. Sempre, independentemente de quaisquer restrições, a senhora me proporcionou a melhor educação ao longo da vida, me incentivando a não me desviar do caminho dos estudos e do caminho do bem. Mãe, a senhora é uma guerreira. A senhora é minha inspiração. Obrigado. Eu te amo.

Agradeço ao meu amado tio Tiago e a minha amada tia Athena. Mesmo de longe, vocês sempre me apoiam e me ajudam a me dar bem na vida por meio dos estudos, além de me mostrarem como ser um bom homem com todos (sempre alegrando a todos da família). Ademais, nos deram nosso já amado Heitor. Tio, o senhor é minha inspiração. Tia, a senhora é minha inspiração.

Agradeço a minha amada tia Simone e ao meu amado tio Matias. Juntos, vocês sempre me ajudam quando necessário, fazem nossa família mais feliz e nos deram nossas crianças amadas: Mateus e Eva. Matias, o senhor não está mais conosco, mas eu nunca vou esquecer de todos os ensinamentos que o senhor deixou: um bom homem, um bom pai, um bom marido, um bom familiar, um bom cidadão. Eu te amo, todos nós te amamos. O senhor faz uma falta incomensurável todos os dias. Dói, especialmente, nos almoços de domingo e nas festividades, que o senhor sempre se fazia presente. Não são mais as mesmas coisas sem o senhor. Em todos os momentos fáceis e difíceis o senhor sempre esteve conosco, nosso amigo. Temos muita saúde. Obrigado por tudo, Dr. José Matias de Sousa Filho. Mateus e Eva estão sendo muito bem cuidados e serão para sempre, com orgulho, seus sucessores: os filhos de Dr. Matias. Tia, a senhora é minha inspiração. Tio, o senhor é minha inspiração.

Agradeço ao meu amado avô, a quem chamo de pai, e a minha amada avó. Vocês sempre me mostraram o caminho correto na vida, me ajudam sempre que necessário e me ensinam a ter uma família feliz e linda. Pai, o senhor é minha inspiração. Vó, a senhora é minha inspiração.

Agradeço a Matheus, Maria Helena e Wander Foshi. Em 2020, foram vocês que me receberam de braços abertos em João Pessoa, como apenas um familiar faria. Vocês são minhas inspirações, mostram-me que a cordialidade vai para além das fronteiras geográficas ou de laços sanguíneos.

Agradeço ao meu irmão Arthur. Nós nos acompanhamos na jornada da vida até aqui, e assim continuaremos a fazer pelo resto de nossas vidas. Obrigado, irmão. Agradeço aos meus amigos de apartamento, Miguel e Thalyson. Vocês fizeram esse momento da vida ser muito bom e divertido, além de terem me confortado nos momentos em que mais precisei. Vocês são amigos de verdade, algo difícil de se encontrar. Miguel, você é minha inspiração. Thalyson, você é minha inspiração.

Agradeço a todos os meus outros amigos. Samara, Carol, Hugo, Maycon, Edivaldo, Sandoval e tantos outros. São muitos e são verdadeiros. Também me apoiaram, ajudaram-me, incentivaram-me e me confortaram. Vocês são minhas inspirações, meus amigos.

Agradeço aos meus amigos do trabalho Nayra, Artur e Marcelly. Vocês também fizeram o ano de 2022 ser o melhor ano da minha vida até então. Obrigado por todo o trabalho, divertimento, aprendizado e momentos de felicidade. Vocês são minhas inspirações.

Agradeço à minha orientadora Cristina, que tanto me ensinou ao longo desses 4 anos de curso na UEPB, que me despertou interesse em tantos assuntos, especialmente a partir do penúltimo ano de curso, e que tanto me ajudou na realização desse Trabalho de Conclusão de Curso. Cristina, você é minha inspiração.

Agradeço ao corpo docente do curso por ter acrescentado tanto no meu conhecimento, certamente mudando minha vida para melhor. O curso de Relações Internacionais da UEPB possui excelentes docentes, tanto os efetivos quanto os substitutos.

Por fim, agradeço a todos que estiveram ao meu lado ao longo do curso. Do período online ao presencial, todos vocês foram importantes nesse momento tão marcante da vida que agora se encerra. Fazem parte do meio-dia da minha vida. Para sempre serão lembrados. Muito obrigado por tudo.